Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores

Declaração Política de 14/05/09 – Zuraida Soares

Por ocasião do DIA da EUROPA

Faltam cerca de três semanas para as Eleições ao Parlamento Europeu.

Todos os estudos de opinião apontam para uma abstenção recorde, quer no que a Portugal diz respeito, quer quanto à generalidade dos países pertencentes à União Europeia.

Este alheamento, por parte dos povos que compõem a União, torna-se, agora (em vésperas de eleições), um problema político para os directórios dos Partidos e Governos europeus, que têm conduzido esta Europa. Uns e outros desdobram-se em iniciativas de promoção, para evitarem a falta de caução que os povos europeus dão às suas políticas.

Por mais estudos e pseudo estudos que se façam, o alheamento do povo em relação à política, está na razão proporcional das promessas não cumpridas, da constante fraude que representam os programas apresentados pelos Partidos do chamado arco do poder e respectivas práticas políticas, uma vez chegados ao poder efectivo.

Esta é a verdadeira razão da crise da política e da crise da participação popular, de que o nosso país é exemplo fértil.

Hoje, a União Europeia apresenta-se aos povos que dela fazem parte, como uma necessidade ou, até mesmo, uma inevitabilidade, mas também (e cada vez mais), como uma construção distante, na qual as pessoas são o último factor a ter em conta.

Estamos a atravessar - como o indicam todos os economistas - a maior crise do capitalismo à escala global. No mundo, mas particularmente na Europa, a dimensão da angústia provocada pelo desemprego e pela incerteza afectam milhões e milhões de lares, por este velho continente fora. Quando precisávamos de uma resposta à escala europeia, mobilizando recursos para fazer frente à crise e minorar o pesadelo em que se transformaram tantas vidas, a resposta da União foi zero.

Em nome do Plano de Estabilidade e Crescimento, o Conselho Europeu (sob as orientações do BCE), não autoriza a alteração do déficit do Orçamento Europeu e, em paralelo, não assume uma norma para que os Estados se financiem, no mercado internacional, ao mesmo juro.

O dinheiro para Portugal será sempre mais caro do que, por exemplo, para a Alemanha.

É esta a triste Europa que se diz comum. O combate à crise é, afinal, a soma daquilo que cada país pode fazer por si, assim perpetuando, por um lado, a desigualdade entre as pessoas dos diversos países e, por outro, o custo dos recursos angariados por cada país para o combate à crise. Às desigualdades somam-se mais desigualdades.

Quando mais se precisa da Europa, mais ela se fragmenta, em nome do negócio de capitais e da estabilidade do Euro. Por isso, perguntamos: - que é feito do discurso “As pessoas primeiro”? A realidade é que não passa de um embuste.

Enquanto, nos Estados Unidos, o orçamento federal assume a perspectiva de um déficit orçamental, na ordem dos dez por cento (para obter recursos no combate à crise), na Europa zero.

Mais uma vez, a Europa vira as costas às pessoas.

A verdade é que toda a construção europeia tem sido feita nas costas das pessoas e sempre voltada para o mercado de capitais.

O pacto secreto para evitar que os povos se pronunciassem sobre o Tratado de Lisboa – cuja denominação, aliás, deveria ser a 'Vergonha de Lisboa –, é até hoje a obra prima deste embuste político.

O Tratado de Lisboa - que não é mais, nem menos do que a Constituição Europeia, anteriormente chumbada, sem a Bandeira e sem o Hino (como afirmou Giscard d’Estaing), apresenta, como linhas mestras:

- O neoliberalismo na economia, com a destruição do Estado, em particular, a destruição dos serviços públicos;

- O Directório dos grandes países, com a destruição da subsidariedade e a aceitação de uma Europa a várias velocidades;

- O reforço do militarismo, com a obrigatoriedade de todos os Estados aumentarem, de forma continuada, as suas despesas militares;

Foi este Tratado que os dirigentes europeus esconderam dos povos, para o imporem sem consulta popular.

Foi nesta vergonha que o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, em Portugal, enveredaram, ao deitar para o lixo as promessas eleitorais e impedindo o referendo.

Estas atitudes só por si, são bem emblemáticas da mentira em política e mais um motivo para afastar as populações das grandes decisões.

Estas práticas fazem, de facto, toda a diferença, em relação às propostas do Bloco de Esquerda que, pelo contrário, propõe:

- A eleição de uma Assembleia Constituinte, ao nível da Europa;

e

- A consignação, nessa Constituição, de duas Câmaras: uma de representação directa dos cidadãos e das cidadãs, outra de representação dos Estados.

Infelizmente, o caminho seguido foi o do interesse da Europa dos capitais, à mistura com mentiras, truques e trapaças para os povos.

E a trapalhada permanece.

As políticas impostas pelo BCE e pela Comissão Europeia - apoiadas por todos os Países da Europa dirigidos por Partidos Socialistas e do Partido Popular Europeu na sua maioria, estão na origem da crise na Europa e foram a ante-câmara desta crise mais global.

Temos, pois, crise sobre crise, provocada pelas políticas que estão plasmadas no chamado Tratado de Lisboa.

É verdade que, hoje, ouvimos o primeiro-ministro José Sócrates fazer um ataque retórico às políticas neoliberais, na defesa das políticas públicas; pena é que, ao mesmo tempo, continue a fazer a defesa serôdia do famigerado Tratado.

Apetece perguntar: - Então, Senhor Primeiro-Ministro, em que é que ficamos? Há coerência, ou utiliza-se o que dá jeito a cada momento?

Cada vez mais socialistas se juntam, na exigência do enterro deste cadáver que é o Tratado de Lisboa. Lamentavelmente, tal não acontece nos Açores. Por cá, ouvimos a retórica do Presidente do Governo contra o neoliberalismo, ao mesmo tempo que se fomenta a privatização de serviços públicos essenciais à população, com o objectivo de financiar grupos económicos com os dinheiros públicos.

Mas a cereja da hipocrisia atinge o requinte quando, por razões patéticas, o Partido Socialista apoia, para um novo mandato, o Dr. Durão Barroso.

O homem das políticas neoliberais que conduziram a Europa a este desastre; o mesmo que, entre outras coisas, manchou o nome dos Açores, ao fazer das Lajes o tiro de partida para uma guerra infame, mentirosa e desnecessária.

Afinal, estão unidos na política, perfilham os mesmos interesses de uma Europa dos capitais contra os povos.

Esta é a realidade.

Refundar a Europa, em termos democráticos, com a participação dos Povos; colocar no centro as políticas sociais e a defesa dos serviços públicos modernos e acessíveis; defender uma economia virada para o emprego; obter os recursos necessários pela taxação das transacções de capitais das bolsas e pelo encerramento dos off-shores; lutar contra a espoliação dos recursos dos países pobres e defender uma política de imigração integradora.

Estas são as bases de uma ruptura, nas políticas seguidas até aqui. As únicas capazes de criar esperança e mobilizar a cidadania, tão precisa ao projecto Europeu, digno desse nome.

É este o caminho que abraçaremos, com todas as forças de esquerda da Europa.